



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Entrevistas 1958-1978', de Jorge de Sena]

Margarida Braga Neves

Para citar este documento / To cite this document:

Margarida Braga Neves, "[Recensão crítica a 'Entrevistas 1958-1978', de Jorge de Sena]", *Colóquio/Letras*, n.º 186, Maio 2014, p. 256-259.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

especificamente, e a geração de que fez parte significaram para o grupo de poetas de *Árvore*, enriquecendo uma dimensão fundamental da sua intervenção de predominante orientação cosmopolita, no quadro da poesia portuguesa da década de 1950.

Fernando J. B. Martinho

ENTREVISTA

Jorge de Sena

ENTREVISTAS 1958-1978

Org. Jorge Fazenda Lourenço e Mécia de Sena

Lisboa, Guimarães / 2013

Reúnem-se neste volume das Obras Completas de Jorge de Sena 44 entrevistas concedidas pelo poeta ao longo de vinte anos (1958-1978). Destas entrevistas, maioritariamente a periódicos portugueses e estrangeiros, três, como se lê na «Nota Prévia», da autoria de Jorge Fazenda Lourenço, coordenador da colecção e organizador do volume, em parceria com Mécia de Sena, «são total ou parcialmente inéditas, e outras três nunca haviam sido traduzidas para português» (p. 9). Ficam excluídas do conjunto duas entrevistas anteriores publicadas pelo autor na colectânea *O Reino da Estupidez*, de 1961.

É deste modo colocado ao alcance do leitor contemporâneo mais um importante acervo de textos de extensão diversa e de acesso difícil, ao longo dos quais se evidenciam as grandes linhas da mundividência seniana, assente na curiosidade e na abertura ao mundo e numa permanente insatisfação e inconformismo com o estado desse mesmo mundo, mas também numa imensa disponibilidade para o diálogo e para o convívio, para falar de literatura, de si e da sua obra, não deixando de os relacionar com o tempo e com

as circunstâncias que lhe foi dado viver, primeiro em Portugal, e, após o exílio, no Brasil entre 1959 e 1965, e, mais tarde, nos EUA entre 1965 e a sua morte em 1978.

Observando o *corpus* agora reunido, facilmente se verifica que, durante a ditadura, Jorge de Sena não gozou dos favores da imprensa escrita portuguesa. Com efeito, nos 16 anos que antecedem o 25 de Abril de 74, o autor de *Fidelidade* deu apenas 15 entrevistas, o que corresponde a pouco menos de uma por ano. Essa situação altera-se, mas não tanto como seria de esperar, após a instauração da democracia, tornando-se a presença de Jorge de Sena mais assídua na imprensa portuguesa, com 11 entrevistas em quatro anos, o que perfaz um pouco menos de três por ano.

Não surpreende que num conjunto tão alargado de entrevistas realizadas ao longo de duas décadas — que aqui se apresentam ordenadas cronologicamente e acompanhadas por preciosos índices e notas bibliográficas — se verifiquem algumas repetições. Tais repetições comprovam, por um lado, a profunda unidade na diversidade que caracteriza a obra polifacetada de Jorge de Sena, e, por outro lado, resultam da intervenção dos jornalistas e de outros entrevistadores que, compreensivelmente, insistem em aspectos de actualidade, como a condição de exilado do poeta, a crise da universidade, o meio académico brasileiro e norte-americano, os movimentos juvenis, as transformações políticas das décadas de 60 e 70, a vanguarda, o processo de criação, e também os estudos e projectos do autor, com especial destaque para as suas longas e minuciosas investigações camonianas.

Do anteriormente exposto se conclui que este não é exclusivamente um livro de Jorge de Sena, uma vez que a fala inúmera do poeta resulta de um diálogo vivo com os seus interlocutores a quem este livro muito deve. A todos responde o autor de

Arte de Música com veemência, clareza e paixão, ele que não fazia nada «sem apaixonada emoção, sem violentamente me entregar ao que estou a fazer» (p. 63), e revelando sempre um elevado sentido de responsabilidade, a par do respeito e consideração pelos seus entrevistadores e pelos seus potenciais leitores, ainda que entre estes se contassem apenas estudantes do ensino secundário, como sucede na entrevista XXII, que não chegaria a ser publicada.

De entre as entrevistas a órgãos da imprensa escrita avultam as concedidas a revistas culturais de prestígio, de que é exemplo *O Tempo e o Modo*, que dedica uma significativa homenagem ao poeta no seu número 59, de Abril de 1968, nela se integrando a entrevista número VII, uma das mais exaustivas e relevantes do conjunto, ou a entrevista número XXVI à revista *Steaua* de Bucareste.

No que se refere aos órgãos da imprensa periódica portuguesa que, por ocasião do primeiro regresso do poeta a Portugal após nove anos de exílio, deram destaque à sua presença, no início de 1969, cabe mencionar os jornais *Diário Popular*, *Diário de Lisboa*, *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias* e a revista *Vida Mundial*. Jorge de Sena foi também entrevistado noutras ocasiões pelos jornais *República*, *O Comércio do Porto* e *Comércio do Funchal*, entre outros.

De igual modo, merecem uma referência especial os ecos na imprensa escrita moçambicana da deslocação de Jorge de Sena àquela colónia, convidado não oficial por ocasião das comemorações do 4.º centenário da publicação de *Os Lusíadas*, tendo sido então entrevistado, durante o Verão de 1972, pelo *Notícias*, de Lourenço Marques, pela *Voz de Moçambique* e pelo *Notícias da Beira*.

É também de referir o interesse que a sua permanência em terras brasileiras suscitou

em jornais daquele país, com destaque para *O Globo*. Cabe ainda acrescentar a atenção concedida pelo autor a órgãos das comunidades portuguesas radicadas nos EUA, quer na costa leste quer na costa oeste, como o *Luso-Americano*, de Newark, ou o *Jornal Português*, de Oakland, respectivamente, no período que se segue ao 25 de Abril, e em que o poeta não deixou de exercer uma subtil pedagogia democrática.

Importa por outro lado salientar que, embora predominem entrevistas concedidas à imprensa escrita, entre elas se encontra também uma importante entrevista radiofónica ao Rádio Clube de Moçambique — a entrevista número XX, que não chegou no entanto a ser emitida por ter sido proibida pela censura.

Pronunciando-se, já depois do 25 de Abril, sobre os malefícios causados por aquela instância repressiva ao serviço da ditadura, Jorge de Sena esclarece, em entrevista ao *Diário Popular*, que o mal irremediável «não é tanto que as coisas não tenham podido ser ditas e escritas, mas o facto de muitas outras não terem chegado a ser escritas» (p. 335). O poeta refere-se àquelas obras em potência que não chegaram a ser concretizadas e que são por isso irrecuperáveis. Não foi esse felizmente o caso de dois livros maiores da extensa bibliografia de quem declara nunca ter sabido escrever para a gaveta. E aí estão a demonstrá-lo a colectânea *Os Grão-Capitães — Uma Sequência de Contos*, escrita no Brasil no início dos anos 60 e publicada em 1976, e o romance *Sinais de Fogo*, escrito também no Brasil e publicado postumamente em 1979. Trata-se em ambos os casos de obras-primas da ficção escrita em português, exemplos maiores de que a literatura «resistiu com uma dignidade excepcional a todas as pressões» (p. 320) e soube superar a «fuga ao concreto» e a «fuga ao real» que décadas de repressão lhe impuseram.

Questionado sobre a primazia entre as diferentes formas de expressão que praticou, Jorge de Sena assume-se primordialmente como poeta: «Eu considero que, sem dúvida e acima de tudo, sou um poeta (e considero poeta no sentido antigo, ou germânico, da palavra em que poesia significa a criação literária na mais alta acepção da mesma e não no sentido que nós chamamos *literatice*)» (p. 385), mas sem que isso implique um juízo de valor ou um menor grau de exigência relativamente às restantes formas de expressão, e Jorge de Sena era suficientemente consciente do seu lugar na literatura portuguesa — o que a recepção crítica de que tem sido alvo nas últimas décadas confirma amplamente — para se entregar a falsas modéstias.

A obra seniana ocupa hoje um lugar próprio e indiscutível, que é seu por direito, mas nem sempre foi assim. Pode por isso parecer inusitada a convicção manifestada pelo autor relativamente ao lugar da sua obra na literatura de que faz parte, ele que sempre foi avesso a escolas, grupos ou movimentos organizados, embora nunca tenha deixado de intervir activamente a favor dos seus ideais: «Desde sempre, quanto escrevi e fiz obedeci a um ideal de liberdade e de justiça social que continua indefectivelmente a ser o meu. Este ideal, porém, nunca sacrificou a oportunismos de qualquer espécie;» — afirma em 1973 — «e sempre [...] me guiei, seguindo-o, por uma exigência de qualidade e de dignidade das obras, ao mesmo tempo que sempre evitei ideias preconcebidas ao observá-las e julgá-las. No expresso plano da criação literária, aquela exigência cifrou-se numa reconquista do espírito de vanguarda e de modernidade» (p. 294-5). Estas palavras dificilmente poderiam revelar maior lucidez e espírito de síntese, o que não se estranha da parte do grande crítico que também foi. Um crítico para quem a es-

crita sempre foi entendida como um acto de prazer, mas, ao mesmo tempo, um acto moral e social sem o qual não se pode verdadeiramente falar de literatura. Esta é assim entendida não tanto como consolo e fruição mas sobretudo como educação para a vida e para o mundo: «Com o que a literatura possui, e essencialmente possui, de fruição e prazer estéticos [...], ela tem um papel de educar-nos para nós mesmos e para a vida, e de dar-nos (se considerada historicamente) uma visão de que, apesar da maior solidão, não estamos realmente sós na luta pela sobrevivência e definição dos mais altos valores humanos» (p. 293).

Debruçando-se repetidamente sobre o acto de criação, e fornecendo assim elementos preciosos para delinear a sua poética, Jorge de Sena relaciona-o com a actividade docente, ligando ambos àquela «atenção à realidade que nos rodeia ou de que a vida é feita, e que é a estrutura essencial da criação poética» (p. 299). Ao aprofundar a descrição do processo de criação, por sua vez, não deixa de sublinhar a fidelidade — e fidelidade é uma palavra crucial na sua moral interna — a um automatismo de cariz surrealista herdado dos seus tempos de juventude que o leva a não rejeitar o epíteto de «pós-surrealista». Esse automatismo é descrito do seguinte modo naquela que é a sua derradeira entrevista: «quando sinto que estou para escrever um poema recuso-me a saber ou pensar o que o poema vai ser, porque quero que o poema seja inteiramente livre de se desenvolver... de dentro e por si próprio sem que eu me intrometa» (p. 440). O inconsciente assume assim um papel determinante «quer com poesia quer com outra qualquer espécie de trabalho» (*ibid.*), o que pode explicar um processo de escrita torrencial e transbordante, praticamente sem correcções nem emendas a não ser de pormenor.

Esta última entrevista, a número XLIV, resulta da transcrição de um vídeo, realizado quando Jorge de Sena se encontrava já gravemente doente, e antecede uma leitura de poemas seus que constitui um comovente testemunho (que é também um testamento) do indefectível humanismo reafirmado à laia de conclusão: «tudo quanto é humano me interessa. Eu diria, mesmo que isso choque algumas pessoas: a natureza interessa-me se os seres humanos ou marcas humanas estão nela. De outro modo, não estou interessado nada na natureza» (p. 441).

Ao longo desta sequência de textos, o autor dedica o melhor do seu esforço à interpretação e à crítica da realidade, numa clara expressão do desejo de comunicação, de intervenção e de renovação que o percorre. Porque, afirma, «a necessidade de procura criadora, a necessidade de renovação das formas (que se pode fazer por vezes com o uso das formas «velhas») e a insatisfação ou inconformismo com o mundo actual se identificam completamente no meu espírito» (p. 151). E as entrevistas são um modo de agir para que a procura criadora, a busca da renovação das formas e o inconformismo que atravessam toda a sua obra, e não apenas a de criação, não ficassem confinados a um pequeno grupo de eleitos mas atingissem um público mais amplo e diversificado, ultrapassando o círculo restrito daqueles que, nas universidades brasileiras ou norte-americanas, tinham tido o privilégio de frequentar os seus cursos e seminários, ou o círculo daqueles que, não obstante as dificuldades inerentes à sua condição de exilado político e de intelectual ignorado por muitos dos seus pares, podiam aceder aos livros de poesia, ficção, teatro, ensaio ou crítica que continuou a publicar a bom ritmo em Portugal.

O autor de *Metamorfoses* foi sempre impelido por uma ânsia de alcançar mais

longe e de provocar incisões cada vez mais fundas com o poder da sua visão global, luminosa e incandescente, que este volume recorta integralmente — na primeira pessoa e em discurso directo, devolvendo-nos um Jorge de Sena de corpo inteiro que é urgente (re)ler.

Margarida Braga Neves

[A Autora segue a antiga ortografia.]

FOTOBIOGRAFIA

Emília Nóvoa Faria e António Martins

A PAIXÃO DAS ORIGENS

FOTOBIOGRAFIA DE ALBERTO SAMPAIO

Guimarães, Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura / 2012

Há autores felizes, que família e terra natal não desaproveitam. A homenagem de Guimarães a Alberto Sampaio (1841) sob forma de fotobiografia é um acontecimento no meio cultural português, se houver meio cultural, e ele estiver interessado em nomes fundamentais de uma cultura de largo espectro e investigações com substância. O fundo documental é riquíssimo e poderá inspirar trabalhos afins. *Design* e paginação, com profusa iconografia bem plasmada no papel mate, são soberbos.

Em seis partes, temos retratados cinquenta anos de vida intelectual de um membro da geração setentista, desde a matrícula em Direito, na Universidade de Coimbra (1858), até à morte na coprotagonista Quinta de Boamense (Cabeçudos, Vila Nova de Famalicão, 1908). O capítulo I, entretanto, dera-nos a ascendência direta: um pai, juiz de Direito, combatente nas hostes liberais, que morre quatro meses após o nascimento do segundo filho, Alberto da Cunha Sampaio: os autores dedicaram-lhe artigo no *Boletim Cultural* da Câmara Municipal de Vila Nova de